Fazer Ciência também em Jornalismo

Preliminares para a busca de um modelo teórico de redação jornalística, tendo o jornalismo científico como campo de observação e experimentação.

Manuel Carlos Chaparro

Resumo

O autor parte do pressuposto de que o jornalismo científico necessita de uma reflexão teórica crítica e aprofundada, para que supere o discurso corporativo e a postura elitista que o afetam. Adverte: a exagerada valorização do jornalismo científico enquanto especialização jornalística pode conduzir ao equívoco de se acreditar numa autonomia técnica e teórica que ele não tem. Mas reconhece que o jornalismo científico reúne aptidões para se tornar um vertente qualitativa nos processos jornalísticos. Por isso, estimula os pesquisadores da Comunicação a utilizarem o jornalismo científico como território preferencial de estudo e experimentação. E apresenta uma proposta beligerante preliminar de seis conceitos, experimentáveis no campo do jornalismo científico, como rumo para a possível definição de um modelo teórico de redação jornalística.

I. Introdução: das raízes ao elitismo

O jornalismo científico é, provavelmente, a área especializada do Jornalismo que mais cresceu nos últimos vinte anos. E não apenas na morfologia dos periódicos; o jornalismo científico adquiriu também relevância como objeto de ensino e pesquisa, dentro e fora das escolas de Comunicação. Multiplicam-se os cursos, os congressos, os colóquios, os documentos - e pelas vias do debate e da reflexão, essa categoria especializada da informação jornalística recebe contornos conceituais que a qualificam, hoje, nos espaços da teoria e da cultura jornalística.

O processo de expansão e valorização do jornalismo científico tem pouco mais de duas décadas. No âmbito iberoamericano, por exemplo, o primeiro seminário dedicado ao tema aconteceu em 1962, em Santiago do Chile, e a Associação Iberoamericana de Jornalismo Científico foi criada em 1969, marco a partir do qual se concretizou, nessa região geográfica e cultural, a fase de maturação do jornalismo científico. (1)

Como manifestação sócio-cultural, o interesse da opinião pública pela ciência é também coisa de décadas recentes. Warren observou esse interesse no início dos anos 70, e registrou-o com a seguinte explicação:

"A ciência, em qualquer de suas formas, converte-se rapidamente em parte de nossa vida diária. No transcurso e desde os tempos das guerras mundiais, milhões de pessoas deram-se conta de que são afetadas pessoalmente pelo aperfeiçoamento dos métodos militares, da energia atômica e nuclear, da exploração espacial, da medicina e da saúde pública, da aplicação da ciência na indústria, dos novos inventos para o lar e dos produtos de engenharia, física e química. Há uma grande necessidade de repóteres que possam levar estas notícias tão importantes ao homem da rua através de sua própria linguagem". (2)

A análise do muito que se diz e se escreve sobre jornalismo científico, bem como a observação mais sistemática da sua prática na *media*, conduz, entretanto, à convicção de que já se faz necessária uma reflexão teórica mais crítica e aprofundada, que supere o discurso corporativo até hoje predominante e um indisfarçável elitismo que, de tão persistente, como já assinalou James Cornell, acabou transformando-se em marca de identidade deformadora. "Infelizmente, (o jornalismo científico) parece haver crescido de maneira introspectiva, mais especializado, elitista e distanciado de suas raízes de origem. (...) Converteu-se em ciência por si mesmo, com uma perspectiva muito estreita, secreta e, por vezes, com uma interconexão misteriosa" - escreveu Cornell. (3)

II - A autonomia que não existe

Uma das manifestações elitistas mais danosas é aquela que atribui ao jornalismo científico diferenciações éticas e técnicas que ele não possui.

Quanto à técnica, jornalismo científico é simplesmente Jornalismo. Porque uma notícia é uma notícia,uma reportagem é uma reportagem, uma entrevista é uma entrevista, um artigo é um artigo, quer os conteúdos sejam de natureza científica, econômica, esportiva ou policial.

E quanto à ética, há que resistir à tentação corporativa de criar e adotar éticas particulares, ou especializadas, para valores que são universais. O compromisso com a verdade, com a justiça, com a liberdade e com o direito à informação não pode nem deve ser exposto ao risco das angulações especializadas ou das vocações particulares.

O bom jornalista, preocupado com as exigências de rigor, precisão, clareza e relevância social dos acontecimentos que relata, explica ou analisa, tem o dever substantivo de fazer Jornalismo, qualquer que seja a origem, a natureza ou o destino das informações e opiniões que apura, valora, depura e expressa. E Jornalismo, em todas as suas especializações, é um processo social, inserido no contexto da comunicação de massa, que atende aos interesses públicos de conhecer, compreender e difundir a atualidade - e essa é uma tentativa de síntese das muitas definições disponíveis, todas discutíveis, do que seja Jornalismo.

A exagerada valorização do jornalismo científico, como especialização, pode conduzir ao equívoco de se acreditar numa autonomia técnica e teórica que não existe. Na verdade, a especialização que segmenta o Jornalismo é uma questão vinculada ao universo mais amplo e complexo da cultura humana contemporânea. O que está segmentado não é o Jornalismo, mas a sociedade, submetida a um processo acelerado de reordenação complexa, que as tecnologias de vanguarda estimulam, com seus impactos sociais. O principal componente energético desse processo é a ideologia da competição, que fez da palavra *mercado* a síntese da nova utopia universal.

A segmentação social expressa, pois, uma cultura mercadológica dentro da qual se desenvolve uma dinâmica de especializações interagentes, nos campos do saber, do viver e do fazer. E essa dinâmica potencializa, nos muitos segmentos organizados e/ou cultura-

lmente diferenciados, a capacidade de produzir fatos relevantes e de oferecer demandas vitais de informação e expressão.

A *media* adapta-se a esse contexto, segmentando-se também

III. Pela busca de novas razões teóricas

Claro que as segmentações especializadas do Jornalismo têm pedagogias específicas de emissão, atentas aos interesses, aos hábitos e às preferências dos repectivos públicos receptores. Mas até essas pedagogias refletem e são efeito de uma competência gerencial que busca resultados.

Assim, como em todos os outros campos do Jornalismo, o jornalismo científico conquista espaço e influência porque o jornal impresso e o jornal eletrônico são produtos de indústrias culturais, para consumo social. O jornalismo científico existe, persiste e expande-se pela simples razão de que tem mercado. E isso é vantajoso, porque as leis do mercado exigem qualidade.

Os tempos românticos de fazer jornalismo acabaram. Hoje, são as razões mercadológicas que impõem à prática jornalística os parâmetros de quantidade e qualidade - e essa é a veia que alimenta igualmente o crescimento do jornalismo científico.

Mas há detalhes diferenciadores. E o principal deles é o seguinte: a informação e a explicação de conteúdos científicos, por suas peculiaridades, supõe, como indispensável, a prática de um Jornalismo qualitativamente rigoroso, tanto no que se refere aos procedimentos éticos quanto à utilização das técnicas de produção e expressão jornalística, que devem ser as melhores.

O que queremos dizer é isto: o jornalismo científico reúne aptidões para se tornar uma contaminante vertente e qualidade nos processos jornalísticos. Não se trata de atribuir ao jornalismo científico a vocação ou a responsabilidade de ser paradigma. Trata-se, sim, de entender e aproveitar as características qualitativas do jornalismo científico a observações e controles metodológicos, utilizando-o como território preferencial de experimentação - e tentar, por essa via, atualizar conceitos em benefício do ensino e da prática do Jornalismo.

Talvez tenha chegado a hora de proclamar que as razões teóricas e os modelos de Jornalismo ensinados nas Escolas de Comunicações iberoamericanas envelheceram, superados pelas transformações sócio-culturais, mais rápidas do que a capacidade de produzir explicações teóricas. Nossos manuais acadêmicos e os livros que recomendamos aos nossos alunos estão repletos de verdades prontas, definitivas, e portanto mortas, muitas delas circulando de autor em autor, sem acréscimos nem questionamentos.

No rumo de uma nova busca teórica, encaminhamos à reflexão de pesquisadores de Jornalismo, e dos jornalistas que atuam na divulgação da ciência pelos meios de comunicação de massa, um roteiro questionador de seis pontos. Trata-se de uma proposta beligerante de conceitos, todos experimentáveis no campo prático do jornalismo científico.

Estimula-se o objetivo imediato de contribuir para a obtenção de ganhos consistentes de qualidade nos conteúdos, nas intenções, nas formas e nos efeitos da mensagem jornalística. Mas, a prazo mais longo, o propósito é iniciar e desenvolver um trabalho investigativo apontado para a hipótese e a ambição de um modelo teórico de redação jornalística.

Os seis pontos da proposta - que comentaremos adiante - são os seguintes:

1) - A valorização do componente *fontes*, como base qualitativa do processo jornalístico.

2) - A consideração da variável *demandas sociais* como fator também determinante de razões jornalísticas.

3) - O entendimento do *interesse (s)* como valor de definição do produto jornalístico.

4) - A explicitação das intenções como procedimento ético e técnico na elaboração da mensagem.

5) - O domínio responsável de *expectativas* e *efeitos*.

6) - A simplificação e o aprofundamento da *teoria dos gêneros*, tendo em vista a eficácia da mediação jornalística.

IV. Preliminares para um novo modelo

No momento em que os povos da Terra experimentam e consolidam formas democráticas de viver, conviver e interagir, não podemos continuar cúmplices de um jornalismo que reproduz, como inevitáveis e aceitáveis, modelos autoritários de Comunicação. Mais do que questionar, está na hora de rejeitar a convicção de que os atos comunicativos de massa começam inevitavelmente no emissor, dono dos meios, e terminam no receptor, por meio da utilização de códigos cuja eficácia manipuladora é continuamente controlada pelo famigerado *feedback*.

Esse modelo de sistema, hoje ensinado aos adolescentes em escolas de segundo grau e reproduzido com alguma sofisticação e escassa discussão nos cursos superiores de comunicação, ignora pelo menos dois intervenientes substantivos dos processos e atos comunicativos que usam o jornalismo como técnica e linguagem viabilizadoras: os sujeitos sociais - indivíduos ou grupos - protagonistas dos acontecimentos; e os agentes mediadores, que tem a responsabilidade de captar, compreender, valorar, ordenar e expressar o relato e/ ou a explicação dos fatos de atualidade

A deformação conceitual, transmitida por inercial osmose cultural, é de tal ordem que possibilita absurdos como este: Clóvis Rossi, um dos mais competentes e respeitados jornalistas brasileiros, modelo de perfil profissional para boa parte dos jovens que ingressam ou sonham ingressar na carreira, proclama, em livro vendido em sucessivas edições, dos mais recomendados e lidos nos cursos especializados, que "jornalismo é uma fascinante batalha pela conquista das mentes e corações de seus alvos: leitores, telespectadores e ouvintes"(4). Como se fosse pouco, ainda acescenta: "Uma batalha geralmente sutil e usa arma de aparência extremamente inofensiva: a palavra". E há professores que passam adiante, como coisa boa, essa definição que deforma e apequena o jornalismo.

IV. 1. - As fontes

A complexidade atual das tramas sociais, políticas, culturais e ideológicas, determinantes dos acontecimentos, mas também de demandas sociais de informação e expressão, exige uma revisão dos modelos teóricos do jornalismo, para que neles se incluam o componente *fontes*, base qualitativa da narração jornalística.

Nos manuais que expressam as normas descontrole de qualidade dos mais importantes jornais do mundo - vários deles citados como referencial indispensável no ensino de jornalismo - o verbete *fontes* é quase insignificante. Em alguns deles (como acontece nos manuais da *Folha de S. Paulo* e de *O Estado de S. Paulo*, sucessos de venda em livrarias), sequer existe.

El País, Libro de Estilo *é um dos manuais que considera o tema, dedicando-lhe curto verbete. Diz o seguinte: "Las informaciones de que dispone un periodista sólo pueden ser obtenidas por dos vias: su presencia en el lugar de los hechos o la narracíon por uma tercera persona ".*(5)

É pouco. Mas o suficiente para sublinhar a importância desse componente nos processos jornalísticos, pois é bem provável que a maior parte das notícias e dos comentários de qualquer edição diária de jornal trata de acontecimentos que os jornalistas não puderam observar. Logo, a narração captada das fontes tornou-se forma essencial do relato jornalístico.

Isso nos leva a rejeitar definições que limitam a mediação jornalística ao percurso que vai da entidade emissora (editoras/ emissoras) aos universos culturais ou ideológicos destinatários(6). O espaço da mediação jornalística é mais amplo, mais dinâmico, mais criativo, mais complexo e mais exigente, pois se desdobra em papéis e atividades mútiplas que têm por finalidade viabilizar e dar expressão às relações sociais que colocam o homem em contato com o mundo que o rodeia.(7)

No jornalismo moderno, e na sociedade complexa de hoje, é decisiva e crescente a importância da participação das *fontes* nos processos jornalísticos. E isso também porque a chamada informação de atualidade não se alimenta só de fatos, mas, cada vez mais, da explicação dos fatos, em função de demandas sociais claramente explícitas, ou implícitas, captadas pela competência jornalística. E isso é mais significativo no jornalísmo científico, no qual as fontes representam o elemento vital de credibilidade, muito mais do que a observação ou testemunho do jornalista.

A relevância do componente *fontes* no jornalismo científico implica uma prática de dupla responsabilidade .

De um lado, a ciência deve capacitar-se enquanto fonte privilegiada, estudando e assimilando a cultura dos meios, para adequar-se a ela . Pensamos que, para esse ajustamento da ciência à cultura dos meios, uma das soluções aconselháveis, de resultados já comprovados (8), seria a abertura de espaços e funções, nas instituições científicas, para jornalistas capacitados que atuariam como preparadores da matéria-prima informativa, dando-lhe qualidade jornalística na origem, e como interface de adequação de linguagens e interesses entre os meios.

De outro lado, os jornalistas devem preparar-se profissionalmente para compreender a ciência. Seria saudável para o jornalismo científico - e, por efeito, para o Jornalismo - que os profissionais atuantes no setor lessem bons textos de iniciação à ciência. Mario Bunge, por exemplo, tem um livro que bem poderia ser leitura obrigatória para os jornalistas que se iniciam ou optam pelo campo da informação científica: *La Ciência, seu método, sua filosofia.* Com clareza jornalística e lucidez científica, Bunge ensina que, ao contrário do que alguns pensam, o conhecimento científico pode propiciar jornalismo de primeira qualidade, porque parte de fatos, produz fatos, explica fatos, e tem a virtude essencial da precisão. Além disso, o conhecimento científico é metódico, sistemático, verificável, caminha do particular para o geral, explica o passado prediz o futuro e possui alto grau de utilidade. Pode ser, portanto, matéria prima preciosa para um jornalismo mais exigente, rigoroso e criativo.

Nunca é demais, porém, acentuar que o Jornalismo não pertence ao universo da ciência, mas ao da cultura. E que, por isso, o chamado jornalista científico não pode deixar-se reduzir à condição de porta-voz da ciência.

IV. 2. - O Interesse

A prática qualificada do Jornalismo para a divulgação da ciência pode propiciar, também, experiências que ajudem a demonstrar que a variável *interesse (s)* é a palavra-chave da essência jornalística.

Há um vasto estudo a ser feito, para pôr em dúvida os vários modelos ou tentativas de modelos que se propõem a definir Jornalismo ou, em alguns casos, os produtos jornalísticos. Trata-se de questão teórica que, por sua complexidade, não se recomenda tratar numa abordagem ligeira como esta. Ainda assim, vale a pena aproveitar este congresso a apresentar uma proposta de modelo de qualificação jornalística dos conteúdos, delineada a partir da observação do jornalismo que se faz e que poderia ser configurada da seguinte maneira: como uma tábua valorativa do produto jornalístico, contendo valor de definição, interesses, valores de relevância, atualidade, proximidade, notoriedade, curiosidade, conflito, conseqüências, dramaticidade e surpresa.

Três breves comentários explicativos:

1) A identificação do *interesse (s)* como Valor de Definição (o que tem interesse é jornalístico, o que não tem interesse não é jornalístico) vincula-se fortemente à idéia de que a significação dos fatos está inevitável e profundamente relacionada com a cultura social da competição, que privilegia os resultados vantajosos. Nos países subdesenvolvidos ou em desenvolvimento, os efeitos psicossociais da cultura de mercado são cruzados e potencializados pelas ações e reações de sobrevivência - e aí, entramos no âmbito daquilo que Vigil classificou como interesses jornalísticos, codificados e ordenados numa perspectiva de psicologia de recepção. Vigil relacionou 17 tipos de interesses motivadores, entre os quais o interesse pelo vital, pelo humano, pelo moral, pelo sobrenatural, pelo político, pelo econômico, pelo competitivo, pelo famoso, pelo catastrófico, pelo subversivo e pelo científico. (10)

2) O elenco de Valores de Relevância aproveita-se da conhecida lista de Karl Warren, que classificou oito elementos de valoração que a Notícia deve ou pode conter. Discordamos de Warren no que se refere à relação com a Notícia, por considerarmos que os elementos de valoração devem estar presentes em todos os gêneros jornalísticos e não apenas na Notícia. Mas incorporamos a sua linha de raciocínio e os seus argumentos ao nosso modelo, com valores "Dramaticidade" e "Surpresa", definições que preferimos às de "Suspense" e "Emoção", listadas por esse autor. (11)

3) Há uma lógica criativa nessa Tábua Valorativa: quanto mais acentuada e freqüente fôr a presença de Valores de Relevância mais forte e definido será o Valor *interesse (s)* nos conteúdos jornalísticos.

Ainda no que se refere ao componente *interesse (s)*, convém lembrar que está nesse território conceitual toda a dinâmica dos conflitos, confrontos e contradições, dentro do qual adquire importância o papel mediador do jornalista.

IV. 3.- As intenções

Transportado para o campo real das decisões jornalísticas, a dinâmica dos *interesses* exige do jornalista competência e lucidez para perceber e compreender os confrontos e as contradições de cada conteúdo em processamento. Ele deve fazer suas opções conscientemente, dando *intenções* explícitas aos seus enfoques - porque do bom jornalista se espera que não seja manipulado nem manipulador. E porque o leitor tem o direito pedagógico e ético de saber onde a mensagem quer chegar.

A reflexão sobre uma experiência profissional de 30 anos permite-nos afirmar que é impossível fazer um bom jornalismo sem a administração consciente da intencionalidade. A intenção determina os critérios que definem fontes, perguntas, prioridades e apuração e depuração. Determina, também as aberturas, a organização, os títulos e os tons dos textos. E quanto mais consciente for o domínio técnico e teórico da intencionalidade, mais amplas e variadas são as possibilidades criativas da narração.

Mesmo como variável ética (escamotear as verdadeiras intenções, com simulações que iludem expectativas, é por certo, a mais cínica forma de mentir), a intenção claramente explicitada gera benefícios técnicos ao ato comunicativo, pois cria relações de cumplicidade entre a intencionalidade explicitada do mediador e as expectativas do destinatário, motivadas pelo conhecimento pré-existente ou pelo novo conhecimento a ele transmitido.

IV. 4.- Os Gêneros

A percepção plena de como lidar com o componente *intenção* cria, na produção jornalística, um cenário rico de estímulos à criatividade, ao senso crítico e à sensibilidade expressiva. E a questão dos gêneros jornalísticos situa-se nesse espaço: por serem alternativas estéticas de expressão, enquanto estrutura de texto, os gêneros são, também ferramenta básica da eficácia jornalística.

Por enquanto, porém, não se pode dizer que existe uma teoria dos gêneros jornalísticos. O que temos, com algumas variações e raras exceções, é uma produção horizontal e confusa de listagens, de sabor meramente classificatório, quantitativo, que pouco ou nada aprofunda.

Têm razão Mabel Marro e Martin Yriart quando concluem que nenhuma das teorias tradicionais dos gêneros jornalísticos dá conta das características inerentes aos conteúdos complexos, como os da informação científica, que exigem a "tradução" da mensagem elaborada em linguagens técnicas para a linguagem jornalística. (12) Mas o viés psicolingüístico dos dois autores argentinos afasta a discussão do campo da teoria da redação jornalística. A vertente lingüística é indispensável ao entendimento teórico das questões dos gêneros. A reflexão deve ter, porém, motivações e perspectivas jornalísticas, bebendo, embora, saber em outras fontes.

Há que definir critérios, circunstâncias, limites, características, freqüência e aptidões, mas a partir da observação do jornalismo real, feita com rigor metodológico.

A investigação está por fazer. Pouco se arrisca, no entanto, se admitirmos desde já a hipótese de que os gêneros jornalísticos não vão além de quatro: a *Notícia*, para informar; a *Reportagem* e a *Entrevista*, para explicar; e o *Artigo*, para analisar.

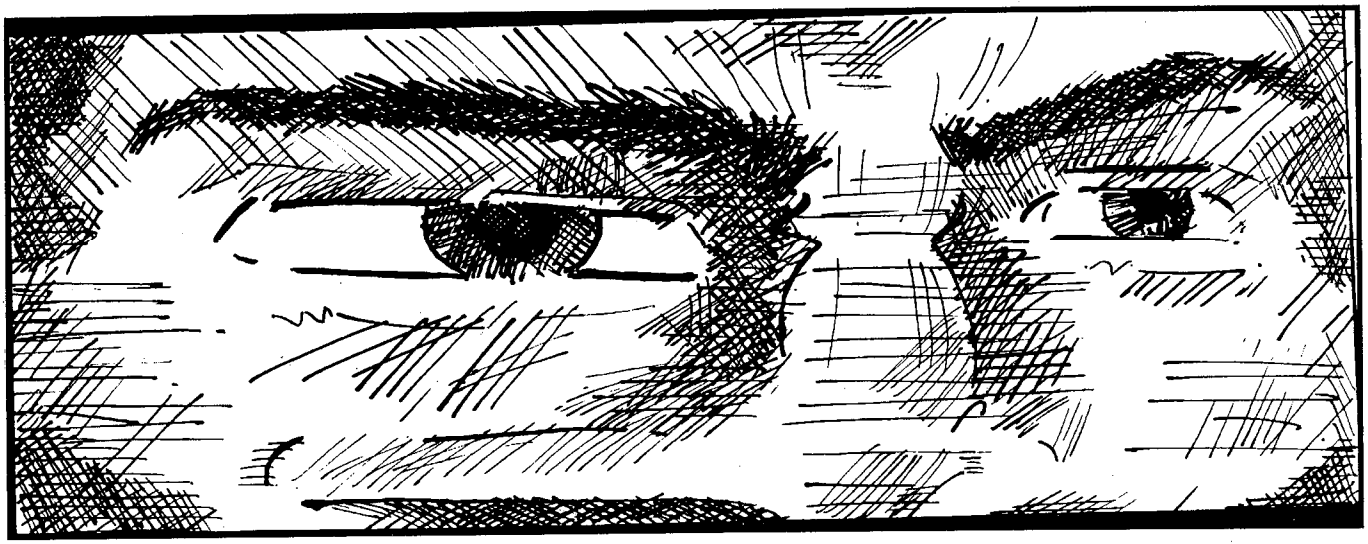
Esses são os gêneros praticados no jornalismo científico. As freqüências, as incidências e as variantes no seu uso, para divulgar ou discutir ciência, permitem comparações e análises que podem conduzir a uma tipificação teoricamente consistente dos gêneros jornalísticos. E quando isso acontecer, saberemos um pouco mais sobre o que é e como se faz Jornalismo.

Referências Bibliográficas

1. *Ver CALVO HERNANDO, Manuel.* Ciencia y Periodismo *(CEFI, Barcelona, 1990). O autor registra nessa obra, com precisão, a história dos eventos que marcaram o desenvolvimento do Jornalismo Científico na Iberoamérica, processo do qual Calvo Hernando foi protagonista maior. Pgs. 36, 37, 38.*
2. *WARREN, Karl N..* Generos Periodísticos Informativos *(2ª edição). A. T. E., Barcelona, 1975, pgs 480.*
3. *Na qualidade de presidente da Associação Internacional de Escritores Científicos, James Cornell apresentou ao I Congresso Nacional de Periodismo Científico de Espanha (Madrid, 19 a 20 de abril de 1990) lúcido informe sobre a situação do mundo do jornalismo científico. Ver:* I Congresso Nacional de Periodismo Científico, *Consejo Superior de Investigaciones Científicas, Madrid, 1990, pags. 125/132.*
4. *ROSSI, Clóvis.* O que é Jornalismo, *7ª edição. Brasiliense, São Paulo, 1990, pag. 17*
5. El País, Libro de Estilo *(4ª edição). Ediciones El País, Madrid, 1990, pag. 17*
6. *Ver MELO, José Marques de.* A Opinião no Jornalismo Brasileiro, *Vozes, Petrópolis, 1985. O autor percorre e compara várias definições de Jornalismo. Pg.10.*
7. *Ver BENITO, Ángel.* Fundamentos da Teoria General de la Información. *Ediciones Piramide, Madrid, 1981, pgs 32/43*
8. *Ver CHAPARRO, Manuel Carlos. "Um modelo jornalístico de divulgação da ciência", in* Intercom - Revista Brasileira de Comunicação, *nº 62/63. Intercom, São Paulo, 1990, pgs. 129/134.*
9. *BUNGE, Mario.* La ciencia, su método y su filosofia. *Ediciones Siglo Veinte, Buenos Aires, 1988, pgs. 99/100.*
10. *Estudo citado em* Iniciación a la Periodística, *de Josep Maria Casasus (Editorial Teide, Barcelona, 1988, pgs. 99/100.*
11. *WARREN, Karl N. Obra citada.*
12. *Ver "Modelos procesales de procucción y compreensión textual em periodismo de divulgación científica", de Mabel S. Marro, Martin F.Yriart, Angela Signorini e Amália B. Dellamea, trabalho apresentado ao V Congresso Iberoamericano de Periodismo Científico, Valência, 21 a 24 de novembro de 1990.*

Manoel Carlos Chaparro

• *Professor de Jornalismo na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo e ex-presidente da INTERCOM - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação.*

Este trabalho foi apresentado ao V Congresso Iberamericano de Periodismo Científico, realizado em Valência, Espanha, de 21 a 26 de novembro de 1990.

Correspondência sobre este trabalho para:
Manuel Carlos Chaparro
Av. Clavásio Alves da Silva, 360
02722 - São Paulo - SP - Brasil
Telefone: (011) 857-1781